

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE O LUGAR DA MULHER NOS LIVROS ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E O CONTO DE AIA

A DISCURSIVE LOOK ABOUT WOMAN'S PLACE IN THE BOOKS A BRAVE NEW WORLD AND THE HANDMAID'S TALE

Débora Costa¹

Carina Adriele Duarte de Melo Figueiredo²

RESUMO: O artigo analisa o discurso sobre/das personagens femininas nos livros: **Admirável Mundo Novo** e **O Conto de Aia**. Essa abordagem se justifica uma vez que é necessário observar como os autores concebem personagens dentro de determinadas construções ideológicas, as quais muitas vezes são estereotipadas. O objetivo deste trabalho é perceber o espaço da mulher em livros distópicos escritos em épocas diferentes, fato que será atingido mediante revisão bibliográfica de livros que tratam de Análise de Discurso, tendo como referencial teórico, no Brasil, o trabalho de Eni Orlandi, e, no que se refere à ideologia as pesquisas de Althusser. A pesquisa demonstrou que construções ideológicas, tal como as patriarcais do livro escrito por Huxley, conservam à mulher o espaço estereotipado, mesmo em uma sociedade futurista; enquanto que o livro escrito por Atwood apresenta mulheres que, apesar de estarem dentro de construções conservadoras de gênero, apresentam características verossímeis.

Palavras-chave: Literatura. Análise do Discurso. Condição Feminina na Narrativa.

Introdução

O artigo analisa o espaço das mulheres em dois livros distópicos: **Admirável Mundo Novo** e **O Conto de Aia**. Em ambas as obras se têm como semelhança a presença de um Estado totalitário, tornando-se, desse modo, relevante a observação de como as personagens femininas são construídas, pois trata-se de um gênero que é visto, ainda, como minoria política, até mesmo no contexto atual.

Há a necessidade de discutir tal tema, pois apresenta-se como indispensável a investigação do modo que esses autores constroem suas personagens femininas, focando na análise de discurso de cada autor e questões ideológicas que formam o texto destes –

¹ Mestre em Constitucionalismo e Democracia pela Faculdade de Direito do Sul de Minas, membro do Grupo de Pesquisa Razão Crítica e Justiça Penal. Graduanda em Letras português/inglês pelo Centro Universitário do Sul de Minas. E-mail: deboralais.costa@gmail.com

² Doutora em Ciências da Linguagem. Concluiu o Mestrado em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso) em 2008 e graduação também em Letras em 2005. Foi professora efetiva na rede pública de ensino de 2006 a 2009. Atuou como professora substituta no Centro Tecnológico de Minas Gerais - CEFET/Varginha, no período de 2014 a 2015. Atualmente, é coordenadora no curso de Letras no Centro Universitário Sul de Minas - UNIS/MG, instituição na qual também leciona em diversos cursos de graduação desde 2009. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura, e desenvolve pesquisas sobre língua, literatura, discurso e formação de professores. E-mail: carina.melo@professor.unis.edu.br

uma vez que sabe-se que nenhuma produção textual é ideologicamente neutra –, além de questionar construções dos gêneros diferentes que estão presentes nas obras.

Para além disso, é importante notar a época em que cada texto foi escrito, um em 1930 e outro em 1960, percebendo como o contexto social e histórico influencia na escrita das obras e fazem com que a construção das personagens femininas seja diferente.

Existem em inúmeros livros características estereotipadas do gênero feminino sendo interessante observar tais fatos em livros distópicos, os quais apresentam uma sociedade diferente do *status quo*. Por esse motivo a pesquisa tem o objetivo de focar nessas personagens.

A leitura de livros distópicos apresenta para o interpretador inúmeras questões quanto possíveis transformações que a sociedade pode vir a passar, uma possível análise do futuro da comunidade e, também, investigações quanto a contemporaneidade de tais obras, mostrando-se, por esse motivo, uma pesquisa frutífera para a comunidade acadêmica.

Com isso em mente, usa-se como base para a pesquisa tais livros elencados, a fim de observar o papel da mulher na sociedade em que os escritores construíram transportando esta atribuição para atualidade. E, para que esta atividade seja realizada de forma criteriosa é necessário que se conceba uma análise crítica das obras de modo a estruturar a base teórica que será trabalhado.

Observa-se que o artigo tem o objetivo de tratar o papel da mulher em uma relação de poder, e o faz com a investigação do espaço feminino em ambos os livros, passando para a questão de como este espaço é reconstruído na contemporaneidade. A relação apresentada irá demonstrar quão verossímeis os textos se tornaram neste âmbito – ou não – restringido as discussões à contemporaneidade brasileira.

Para que seja realizada uma análise de discurso que tenha como função abranger pontos significantes da obra deve-se utilizar obras de peso, destarte o marco teórico elencado é a pesquisa de Eni Pulcinelli Orlandi, com os livros *Discurso e Leitura* (2012), e, *Discurso em Análise* (2017).

Desse modo, a pesquisa abrangerá tanto livros de literatura quanto obras que abrangem questões de gestos de leitura, como análise do discurso e teoria da literatura; a fim de compreender de forma mais profunda os textos escolhidos. Para além dessas duas investigações, também é necessário que se observe o lugar da mulher na sociedade e a construção da ideologia patriarcal, e para isso serão consideradas concepções de Althusser.

01. Admirável Mundo Novo e O Conto De Aia: análises das obras

Para que a investigação dos livros seja realizada de modo viável é necessário que em um primeiro momento construam-se análises críticas das obras tratadas a fim de se apresentar uma investigação quanto ao tema pesquisado.

(...) devemos, em uma leitura que chamamos de discursiva, porque envolve o sujeito, a linguagem e a história, em seus processos de produção, expor nosso olhar leitor à *opacidade* da linguagem. Isso quer dizer que a linguagem tem sua materialidade, tem seu funcionamento baseado na relação estrutura/acontecimento. (ORLANDI, 2017, p. 151)

Iniciando a pesquisa pelo livro **Admirável Mundo Novo**, este foi escrito pelo autor londrino Aldous Huxley e publicado em 1932, após a grande depressão de 1929 e entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Assim, tem-se um contexto social de um país que venceu a Primeira Guerra Mundial e observou as possíveis crises do capitalismo.

Durante a crise econômica mundial dos anos 1930, particularmente violenta nos Estados Unidos, e mais uma vez durante a Segunda Guerra Mundial, quando o país inteiro se mobilizava para o esforço de guerra (e também para a saída da crise), houve uma forte compressão da desigualdade desse lado do Atlântico, de certa forma comparável à que se viu na Europa no mesmo período. De fato (...) os choques sofridos pelo capital americano estão longe de ser insignificantes: por certo, não houve destruição física causada pela guerra, mas ocorreram fortes choques relacionados à depressão econômica e às políticas fiscais adotadas pelo governo americano nos anos 1930-1940. Por fim, se considerarmos o período 1910-1950 como um todo, contata-se que a compressão da desigualdade foi bem mais fraca nos Estados Unidos do que na França (e, de modo mais geral, do que na Europa). Em suma, os Estados Unidos partiram de um pico mais baixo de desigualdade às vésperas da Primeira Guerra Mundial e, mesmo com um declínio, após a Segunda Guerra se encontravam num nível mais alto que o da Europa. O período de 1914-1915 é a história do suicídio da Europa e de sua sociedade de rentistas, mas não do suicídio dos Estados Unidos. (PIKETTY, 2014, p. 286)

A obra segue a vida de Bernard Marx em um mundo distópico e totalitarista, em que todos nascem predestinados – e tecnologicamente modificados – a exercer uma profissão. O texto centra em uma sociedade altamente capitalista, que elimina tudo que não pode ser comprado. Entretanto, o personagem principal não está feliz em viver neste mundo sintético e, por esse motivo, tenta se retirar indo à Reserva, espaço que habitam aqueles que eram vistos como selvagens. Bernard, após a visita, traz a civilização³ um selvagem, John.

³ É necessário que se perceba que a conceituação de selvagem e civilizado é uma construção, a qual relaciona-se com análise capitalista de uma sociedade burguesa, onde, de acordo com Engels, a civilização existe no momento em que há divisão de trabalho.

O livro é dividido em 18 capítulos, os quais trazem outras divisões. Aldous Huxley utilizou da terceira pessoa para narrar os acontecimentos e se distanciar das personagens, sendo as principais Bernard Marx, com sua coadjuvante Lenina e o herói John.

Há descrição do mundo distópico apresentado no livro e como sua sociedade circunda as regras e os costumes construídos por Huxley. Observa-se que todas as relações são altamente superficiais e as personagens são divididas em castas.

A comunidade que apresenta para o leitor é concebida em meio a um capitalismo desenfreado, o qual edificou com a figura religiosa, construída, de Henry Ford; não há o entendimento de família e/ou relacionamento monogâmicos; e, encontra-se a inserção da utilização de uma droga (soma) para qualquer problema que não se possa solucionar economicamente.

Depois que o leitor está ciente do espaço em que se passa a história, o autor apresenta Bernard Marx, o qual não se encaixa dentro dessa sociedade, e sua coadjuvante Lenina, que se apresenta como alienada para com os problemas do capitalismo e totalitarismo. Essa personagem é a visão estereotípica de uma mulher, como pode ser visto na passagem a seguir, ela se preocupa e discute apenas sobre assuntos fúteis e relacionados ao gênero oposto:

Lenina meneou a cabeça. – Não sei como nem por que – admitiu – mas não me tenho sentido muito propensa à promiscuidade ultimamente. Há épocas em que não se está mesmo, não é? Você nunca sentiu isso, Fanny?
Fanny concordou com um movimento de cabeça, que denotava simpatia e compreensão. – Mas é preciso esforçar-se – disse de modo sentencioso – isso faz parte do jogo. Afinal, cada um pertence a todos.
– Sim, cada um pertence a todos – repetiu Lenina lentamente e, suspirando, calou-se por um momento; depois, pegando a mão de Fanny, apertou-a suavemente.
– Você está certa, Fanny. Como sempre. Farei o esforço necessário. (HUXLEY, 1980, p. 67)

Bernard resolve pesquisar os selvagens e Lenina o acompanha. Enquanto continua sua investigação sobre a vida daqueles que têm realidades diferentes da sua, conhece John, o selvagem. Quando voltam para civilização trazem John, e sua “mãe”, Linda. Entretanto, mesmo sendo considerado selvagem, percebe-se que este personagem tem características que o colocaria como letrado, uma vez que lia Shakespeare.

John não se adequa à sociedade, pois não entende seus costumes e tem construções diferentes quanto a sexualidade. Ao final do livro resolve viver sozinho e recluso, mas não consegue por causa da comunidade que o segue, por isso se mata.

O texto apresenta uma crítica ao capitalismo, uma vez que a sociedade de Huxley o reverência, de modo que até modificarem a religiosidade, como já dito. Outro ponto importante para se observar é a questão das drogas e do sexo, que são utilizados apenas como meio de se retirar do tédio, ou seja, é uma geração que não suporta ficar sem nenhum tipo de estímulo.

A alienação é um ponto crucial tratado no livro. Observa-se que todos os personagens nascem com um propósito pré-escolhido pelo governo e o seguem, preocupando-se apenas com o fato de comprar e sentir bem com bens materiais e estímulos artificiais.

Entretanto, nota-se que, mesmo sendo uma sociedade construída artificialmente e com questões deterministas, o papel da mulher continua sendo o daquela que só se preocupa em seu parceiro.

- Decerto. Pode contar que Henry Foster é um perfeito cavalheiro – sempre correto. Você sabe como ele dá importância a essas coisas.
- Aquiescendo com a cabeça, Lenina disse:
- Ele me bateu nas nádegas essa tarde.
- *Aí está, você vê!* – Fanny estava triunfante. – Isso mostra o que é importante para ele: o respeito estrito às convenções. (HUXLEY, 1980, p. 65)

Ao observar o discurso usado na construção do texto visualiza-se que os personagens principais e com um maior desenvolvimento de personalidade, ou seja, uma caracterização e detalhamento maior, fica restrito àqueles do gênero masculino. Resguardando as personagens mulheres um lugar hierarquicamente abaixo, tal como era apresentado na sociedade, sem uma maior preocupação na aprimoração de suas personagens.

Desse modo, o autor não se empenhou em questionar o papel da mulher na sociedade da época – da década de 30 quando o livro foi escrito – ou qual espaço a mulher de sua obra teria em uma sociedade totalitarista e capitalista reservando a ela ambiente semelhante ao que tem na realidade.

Analisando **O Conto de Aia**, de Margaret Atwood, este foi publicado em 1985, apresentando outro tipo de contexto social e histórico que se difere muito do livro anterior,

enquanto Huxley estava passando pela crise de 1929 quando concebeu sua obra, Atwood está no contexto da Guerra Fria.

Utilizando do fluxo de consciência, a personagem principal – a qual não fornece seu nome – narra os eventos presentes e passados, de modo que pode-se conhecer mais de sua realidade e de como os fatos ocorreram para que se chegasse ao futuro distópico, em que foram retirados todos os direitos das mulheres submetendo-as ao espaço privado de donas de casa, empregadas, e, no caso da personagem principal, aias – com a única função de conceber crianças para casais que não conseguem ter filhos sozinhos.

A divisão do livro é feita por capítulos e subcapítulos, é interessante analisar como tais capítulos são separados, nota-se que entre um e outro tem-se o capítulo nomeado de *noite*, uma vez que este tempo é o único em que a personagem não precisa estar desempenhando nenhuma atividade tendo seu tempo particular.

A noite é minha, meu próprio tempo, para eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa. Desde que fique deitada quieta. A diferença entre o *deitar* e o *ir para a cama*. Ser *levada para cama* é sempre passivo. Mesmo os homens costumavam dizer: Bem que eu queria ir para a cama. Embora às vezes também dissessem: Bem que eu gostaria de ir para a cama com ela. Tudo isso é pura especulação. Não sei ao certo o que os homens costumavam dizer. Sei apenas o que eles dizem que diziam. (ATWOOD, 2017, p. 49)

Assim, tal como *O Admirável Mundo Novo*, tem-se a construção de castas, e a personagem principal está estruturada na condição de conceber os filhos, pois os casais nem sempre conseguem e a sociedade tem como objetivo a proliferação de sua comunidade.

Existem distinção entre as castas, as quais têm dentro da comunidade direitos e deveres diferenciados, entretanto, o que as faz semelhantes é o fato de que todas estão hierarquicamente abaixo dos homens, os quais elas devem servir.

Entretanto, há, nessa sociedade distópica, inúmeras regras e comportamentos esperados para com todos que estão dentro desta comunidade, uma vez que o governo é totalitário. E a personagem principal deve desempenhar seu papel como procriadora, enquanto tenta manter sua saúde mental e escapar daquela situação.

A autora concebeu o livro de modo que o leitor não tem certeza da época em que se passa os acontecimentos mostrando que, tal como Simone de Beauvoir discorre, os direitos das mulheres são debilitados, e em caso de qualquer tipo de crise políticas são os primeiros a serem suprimidos (BEAUVOIR, 2009).

Dentro de um governo totalitarista e ditatorial, tal como os representados na obra, o papel da mulher é de submissa ao homem, pois o patriarcado até hoje é visto como lugar comum.

Patriarcado é um nome estranho para muitas pessoas que consideram natural a ordem social existente. Ele representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte. É claro que qualquer sistema de privilégios é feito para que uns usufruam deles enquanto outros devem trabalhar para que o sistema seja mantido. Nessa perspectiva, é impossível pensar que o patriarcado dará espaço ao feminismo. Se isso acontecesse, a estrutura não seria mais a do patriarcado. Ao mesmo tempo, o feminismo aponta para o caráter inconciliável de uma sociedade de direitos na qual o patriarcado esteja em vigência. É nesse sentido que o feminismo é uma luta contra um estado de opressão e injustiça. (TIBURI, 2018, p. 59)

A obra mostra que o feminismo e sororidade são importantes para uma sociedade igual e, desse modo, democrática, fatos que podem ser vistos nas relações entre as mulheres da mesma casta.

02. O papel da mulher nas sociedades distópicas de Huxley e Atwood

A autora Eni Orlandi, em seu texto no livro *Memória e história na/da análise do discurso* (INDURSKY, 2011), explora sobre a construção do discurso e como este tem relação tanto do ponto geográfico que é tratado, como quanto questões ideológicas e políticas. Esses aspectos relacionam-se com os livros utilizados e por esse motivo se faz essencial a investigação das pesquisas de Orlandi.

O discurso, seja ele qual for, sempre traz em seu centro construções ideológicas daquele que escreve, e, por esse motivo, não se pode escrever discursos neutros. O ser humano, por meio de contextos sociais, políticos, geográficos, históricos e ideológicos concebe falas que se relacionam com fatos já vividos e percebidos.

As formas de individualização do sujeito pelo Estado, estabelecidas pelas instituições, resultam em um indivíduo ao mesmo tempo livre e responsável, dono de sua vontade. É o sujeito individuado, de natureza sócio-histórica ideológica, indivíduo já afetado pela língua e pela ideologia que se identifica pela sua inscrição nas diferentes formações discursivas, de que resultam distintas posições sujeitos, relativamente às formações sociais. A noção de sujeito individualizado não é psicológica, mas política, ou seja, a relação indivíduo-sociedade é uma relação política. Nesta teorização, nenhum dos elementos que a constituem pode ser pensado sem os demais. Mas se, face à interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, não há como resistir, caso contrário não nos constituíramos em sujeitos, entretanto, no modo de individuação do sujeito pelo Estado há rupturas e, na falha da ideologia, o indivíduo pode resistir. E, muitas vezes, resiste. (INDURSKY, 2011, p. 42)

Assim, a construção das obras foca em governos autoritários, os quais suprimem a liberdade em prol de uma vida coletiva tal como o Estado entende que melhor convém. observa-se, então, dentro desses discursos a construção de uma ideologia capitalista e de governos totalitaristas.

Em *Admirável Mundo Novo*, tem-se a necessidade de comprar e gastar dinheiro, e de se sentir sempre feliz – mesmo que para isso seja necessário que se utilize meios artificiais. Os fatores sociais não tem valor econômico, como as artes em geral⁴ são dispensados da sociedade criada por Huxley.

Deve-se visualizar que o autor utiliza do Estado para conceber meios que modificam as vontades dos indivíduos, entretanto, mesmo sendo uma construção fictícia encontra-se instrumento de controle ideológico dentro do Estado moderno.

(...) os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente *pela ideologia*, embora funcionado secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (ALTHUSSER, 1974, p. 45)

Assim, as normas de um Estado totalitário e as ideologias que são transportadas pela religião⁵ e pela Escola moldam um cidadão que segue as regras de modo que não as vê como normas impostas e sim como construções que já fazem parte do seu lugar comum.

Retornando ao texto de Huxley, pode-se observar que as mulheres da sociedade continuam com discursos estereotipados, preocupando-se apenas em seguir tais regras que já as incorporam, mas sem ao menos perceber tais construções.

De acordo com Orlandi, as análises de discursos observam as “(...) *construções discursivas com seus efeitos de caráter ideológico*” (ORLANDI, 2012, p. 72), e por esse motivo, observa-se que o autor de *O Admirável Mundo Novo* abrange em sua obra construções patriarcais, as quais eram o lugar comum da década de 1930 – período em que o livro foi escrito.

⁴ Aqui recorro ao conceito de arte como tanto os objetos construídos pelo homem como as belezas naturais, ambas são apresentadas no texto como algo supérfluo, uma vez que com elas não se movimenta a economia: “*As flores do campo e as paisagens, observou, têm um grande defeito: são gratuitas. O amor à natureza não depende de trabalho industrial.*” (HUXLEY, 1980, p. 45)

⁵ Na obra de Huxley a religião tem relação direta com o capitalismo, uma vez que a figura religiosa da sociedade distópica não é mais deus, e sim Ford. Entretanto, continua-se utilizando das mesmas bases de qualquer outra religião no quesito de influenciar as massas por meio da ideologia que elas apresentam.

Desse modo, por mais que o livro apresente visões alternativas para a edificação de uma sociedade tecnológica, moderna e capitalista, certos padrões estão constituídos no subconsciente da sociedade da época – e por esse motivo do autor, também – são percebidos na obra.

Para além disso, é necessário que se foque no discurso do autor. O livro é escrito por um homem da década de 30 que tem o objetivo de conceber uma nova sociedade. Dentro da sociedade distópica de Aldous as mulheres têm liberdade sexual⁶, entretanto, tornam-se assujeitadas a se preocupar com os parceiros tanto quanto ocorre em relações monogâmicas estruturadas dentro de uma sociedade moderna capitalista.

Foucault trata do discurso do autor, explorando a questão de que o nome do autor tem a função de contextualizar sua fala e assim fazer com que a interpretação do texto seja mais completa, e desse modo, mostra-se indispensável que se reconheça a construção ideológica de que escreve para avançar no texto e entender seu discurso dentro da obra.

The author's name serves to characterize a certain mode of being of discourse: the fact that the discourse has an author's name, that one can say "this was written by so-and-so" or "so-and-so is its author," shows that this discourse is not ordinary everyday speech that merely comes and goes, not something that is immediately consumable. On the contrary, it is a speech that must be received in a certain mode and that, in a given culture, must receive a certain status. (FOUCAULT, 2007, p. 907)

Por fim, o texto abrange uma sociedade capitalista que centra-se em relações econômicas, não se preocupando com qualquer outro tipo de relação; entretanto, pela construção ideológica, o papel da mulher continua como aquela que espera seu(s) parceiro(s), e, não desenvolve as personagens femininas, fazendo com que elas sejam “rasas” e sem características que as construam com verossimilhança, permanecendo nos estereótipos.

Quando é analisado o discurso apresentado no livro **O Conto de Aia** é possível encontrar outro tipo de personagem feminina, a razão da autora ter ideologias feministas⁷ e estas são apresentadas na obra:

⁶ Uma vez que a liberdade sexual do gênero feminino só apresenta-se de fato em 1960 com a revolução sexual (GIDDENS, 1993), o autor se mostra a frente do seu tempo quando sugere que não haja casais monogâmicos na sociedade distópica: “ – E, afinal de contas – o tom de Fanny era apaziguador – não é nada difícil, doloroso nem desagradável ter um ou dois homens além de Henry. E, realmente você deve ser um pouco mais promiscua ...” (HUXLEY, 1980, p. 66)

⁷ Em uma entrevista a autora deixou claro que existem várias ondas de feminismo e várias conceituações, e, em seu entendimento, mulheres devem ter direitos iguais aos homens: “ So, if we mean, should women as citizens

Is *The Handmaid's Tale* a “feminist” novel? If you mean an ideological tract in which all women are angels and/or so victimized they are incapable of moral choice, no. If you mean a novel in which women are human beings — with all the variety of character and behavior that implies — and are also interesting and important, and what happens to them is crucial to the theme, structure and plot of the book, then yes. In that sense, many books are “feminist.” (NEWMAN, 2019)

O discurso apresentado no livro é feito a partir da narrativa da personagem feminina, *Offred*, a qual observa a mudança de governo e direitos que deixaram ela e todas as mulheres em espaços inferiores, retirando seus direitos mínimos, como dignidade da pessoa humana e liberdade de expressão.

Para que fosse possível construir o cenário de um Estado totalitarista e distópico, Atwood utilizou dos aparelhos ideológicos do Estado que criou para impor uma doutrina que instituía novos espaços para os cidadãos e suas funções neste novo ambiente. Para isso, a autora teve que mostrar o fim do Estado moderno, por meio de ataques terroristas e a construção de um novo governo.

Gilead é estabelecida com a junção de religião e Estado, com o propósito de utilizar da ideologia que ambos instrumentos remetem para conter qualquer tipo de manifestação contra o governo recém estabelecido.

In the novel the population is shrinking due to a toxic environment, and the ability to have viable babies is at a premium. (In today’s real world, studies are now showing a sharp fertility decline in Chinese men.) Under totalitarianisms — or indeed in any sharply hierarchical society — the ruling class monopolizes valuable things, so the elite of the regime arrange to have fertile females assigned to them as Handmaids. The biblical precedent is the story of Jacob and his two wives, Rachel and Leah, and their two handmaids. One man, four women, 12 sons — but the handmaids could not claim the sons. They belonged to the respective wives. (ATWOOD, 2019)

As mulheres nessa nova sociedade têm algumas funções, uma vez que o país foi separado em castas, entretanto, independentemente de suas atribuições elas estão hierarquicamente abaixo dos homens e por esse motivo têm menos poder e direitos que eles.

have equal rights, I’m all for it and a number of advances have been made in my lifetime regarding property rights and divorce and custody of children and all of those things,’ Atwood said.” (OPPENHEIM, 2019)

Quando se analisa a trajetória histórica e jurídica da mulher durante as épocas nota-se que há relações entre o percurso da mulher na sociedade com algumas das questões vistas em Gilead.

investigando a construção das sociedades antigas, observa-se que em um primeiro momento as famílias eram consanguíneas e a ausência de certeza quanto a quem seria o pai das crianças, o espaço da mulher tornou-se mais importante, pois, sabia-se apenas qual era a mãe das crianças e por esse motivo o direito focava-se na mulher, nas famílias punaluanas.

Esse progresso foi infinitamente mais importante que o primeiro, e, também, mais difícil, dada a maior igualdade nas idades dos participantes. Foi ocorrendo pouco a pouco, provavelmente começando pela exclusão dos irmãos uterinos (isto é, irmão por parte de mãe), a princípio em casos isolados e depois, gradativamente, como regra geral (...) e acabando pela proibição do matrimônio até entre irmãos colaterais (quer dizer, segundo nossos atuais nomes de parentescos, entre primos carnais, primos em segundo e terceiro graus). (...). sem dúvida, nas tribos onde esse progresso limitou a reprodução consanguínea, deve ter havido um progresso mais rápido e mais completo que naquelas onde o matrimônio entre irmãos e irmãs continuou sendo uma regra e uma obrigação. Até que ponto se fez sentir a ação desse progresso o demonstra a instituição da gens, nascida diretamente dele e que ultrapassou de muito de seus fins iniciais. A gens formou a base da ordem social da maioria, senão da totalidade, dos povos bárbaros do mundo (...). (ENGELS, 2002, p. 40)

Entretanto, por meio da pesquisa de Morgan (MORGAN, 1877, p. 469) as mulheres queriam ter uma relação monogâmica e perderam seu espaço no âmbito jurídico e o direito passou a ser paterno. Com isso, o homem restringiu a mulher para ter filhos apenas com ele, os quais – quando do gênero masculino – teriam seus bens, aparecendo em um segundo momento, a propriedade privada e para trazer segurança a esta o Estado.

A mulher tornou-se subordinada ao homem, e tais fatos iniciaram a se modificar apenas com as manifestações feministas. A mulher era dona da casa e cuidadora dos filhos, tinha como uma de suas funções primordiais a de procriar e dar herdeiros para o seu marido.

O paralelo existente entre a sociedade real com Gilead é muito grande. Voltou-se a observar a mulher no seu espaço único de procriadora, a qual não precisava de nenhum outro direito, uma vez que estava cumprindo sua função atribuída a ela por deus e pelo Estado.

03. A construção da mulher contemporânea

Durante os anos (MORGAN, 1877, p. 354) os espaços da mulher modificaram-se, de acordo com os estudos de Engels (2002), ela esteve no foco do direito nas *gens* punaluanas, entretanto, com as transformações sociais o direito passou a ser patriarcal.

La originalidad del Derecho materno y su relación con un antiguo nivel cultural no se puede negar, lo que también debe valer para los misterios, puesto que ambos fenómenos constituyen solamente dos aspectos diferentes de la misma civilización: son siempre hermanos gemelos. Este resultado es tanto más seguro cuanto que no se puede dejar de afirmar que de ambas expresiones de la ginococracia, la civil y la religiosa, la última sirve como fundamento a la primera. Las representaciones culturales son lo originario, y las formas de vida ciudadana, consecuencia y expresión. La preferencia de la madre al padre, de la hija ante el hijo, resulta de la relación de Coré con Deméter, y no, por el contrario, se abstrae ésta de aquélla. O bien, para ajustarme todavía más fielmente a las representaciones de la Antigüedad: de ambos significados del kteís materno, el místico-cultural es el originario, el predominante; el civil, jurídico, es la consecuencia. En una concepción completamente material-sensual, el sporium femenino aparece como representación de los misterios demetriosos tanto en su valor físico más profundo como en el opuesto, más elevado, pero también como expresión del Derecho materno en su forma civil, como lo hemos encontrado en el mito licio de Sarpedón. Se refuta ahora la afirmación de los más recientes que adecúa todo lo misterioso a los tiempos de la decadencia y a una degeneración posterior del helenismo. La Historia adopta la relación justamente opuesta: los misterios maternos son los más antiguos y el helenismo es un nivel posterior del desarrollo religioso; no aquél, sino éste, aparece a la luz de la degeneración y de la trivialización religiosa, que sacrifica a la vida terrenal el más allá, a la claridad de la forma el oscuro misterio de la esperanza superior. (...). El que olvide que la era dominada por la mujer también debió tener parte en todo lo que diferencia la estructura interna de la mujer de la del hombre; en aquella armonía que los antiguos describían preferentemente como gynaikefa; en aquella religión en la que la necesidad más profunda del alma femenina, el amor, se alzaba hasta la consciencia de su concordancia con la ley fundamental del Universo; en aquella sabiduría natural no reflejada que, manifestada en nombres reveladores, como Autonoe, Fulinoe, Dinonoe, reconoce y juzga con la instantaneidad y seguridad de la conciencia; y finalmente, en aquella continuidad y aquel conservadurismo de la existencia a los que la mujer está destinada por naturaleza.” (BACHOFEN, 1861, p. 43-44)

Para que fosse possível ter certeza da filiação, o homem impôs a esposa certas mudanças de comportamento, ou seja, a poliandria, que era uma atividade reconhecida e legitimada pela comunidade, foi abandonada por causa da transformação dos costumes, estabelecendo que a cōnjuge tinha que ser casta e ter relações apenas com marido.

Uma vez que a certeza da filiação se construiu por meio de ideologias implantadas pela comunidade e pela religiosidade da época, era possível que agora o homem da família pudesse assegurar seus bens, fazendo com que eles permanecessem na família, passando de pai para filho. Com isso há a instituição da propriedade privada e para assegurá-la a construção de um Estado artificial.

Desse modo, na constituição grega da época heróica vemos, ainda cheia de vigor, a antiga organização gentílica, mas já observamos igualmente o começo da sua decadência: o direito paterno, com herança dos haveres pelos filhos, facilitando a acumulação das riquezas na família e tornando esta um poder contrário à gens; a diferenciação de riquezas, repercutindo sobre a constituição social pela formação dos primeiros rudimentos de uma nobreza hereditária e de uma monarquia; a escravidão, a princípio restrita aos prisioneiros de guerra, desenvolvendo-se depois no sentido da escravização de membros da própria tribo e até da própria gens; a degeneração da velha guerra entre as tribos na busca sistemática, por terra e por mar, de gado, escravos e gens que podiam ser capturados, captura que chegou a ser uma fonte regular de enriquecimento. Resumindo: a riqueza passa a ser valorizada e respeitada como bem supremo e as antigas instituições da gens são pervertidas para justificar-se a aquisição de riquezas pelo roubo e pela violência. Faltava apenas uma coisa: a instituição que não só assegurasse as novas riquezas individuais contra as tradições comunistas da constituição gentílica, que não só consagrasse a propriedade privada, antes tão pouco estimada, e fizesse dessa consagração santificadora o objetivo mais elevado da comunidade humana, mas também imprimisse o selo geral do reconhecimento da sociedade às novas formas de aquisição da propriedade, que se desenvolviam umas sobre as outras - a acumulação, portanto, cada vez mais acelerada, das riquezas -; uma instituição que, em uma palavra, não só perpetuasse a nascente divisão da sociedade em classes, mas também o direito de a classe possuidora explorar a não-possuidora e o domínio da primeira sobre a segunda.

E essa instituição nasceu. Inventou-se o Estado. (ENGELS, 2002, p. 109-110)

Dentro de todas as mudanças que foram ocorrendo durante os anos, a mulher saiu do espaço público estando reservada agora em lugares privados, como a casa; seus serviços passaram a ser doméstico e de tutela dos filhos.

Ao permanecer no espaço privado, as mulheres não tinham direitos iguais aos dos homens, como por exemplo, o direito de trabalhar e de estudar. Por esse motivo não há representatividade feminina nas artes, tudo aquilo que se constrói em volta da figura feminina não é necessariamente real e apenas a visão do homem, estereotipada, sobre as mulheres.

Na Revolução Francesa encontram-se os primeiros movimentos feministas, que tinham o objetivo de ser reconhecida a igualdade em todos os aspectos da vida em sociedade; durante o mesmo período, na Inglaterra, houve manifestações em pró do sufrágio universal.

In Section 2-4 of *On Literature* ("On Women Writers," reproduced here), de Staël views the republican revolution from her own particular perspective. A small clique of intelligent refined women (...) had set the intellectual and moral tone for the court under Louis XVI; incapable of holding public office themselves, their disinterested judgment of the capability and honesty of courtiers and ministers carried weight. With the destruction of the discursive practices of the old régime, however, women had no place at all, belonging "neither to the natural nor the social order." Not despite but because of the democratic institutions being established, the intelligent and creative Woman had become an object of hatred to men and of indifference to her fellow women. De Staël hoped that a French republic would eventually foster equality

of education between men and women, correcting this injustice, but, from our perspective it is not clear whether two centuries of democracy have entirely changed how both men and women respond to the exceptional woman. (STAËL, 2007, p. 286)

Entretanto, a Revolução só foi benéfica para a classe dos burgueses, os quais, após conseguirem seus direitos políticos e sociais, retiraram o apoio para a classe mais baixa, o povo, e as mulheres que já eram minoria política ficaram ainda mais na retaguarda quanto as suas reivindicações.

Com o avanço do capitalismo do Estado moderno, houve a transformação do espaço da mulher, agora, aquelas que estavam em classes privilegiadas, tinham como única função procriação e cuidado com a prole, e por esse motivo, os folhetins as observavam como principal mercado, uma vez que elas eram alfabetizadas e não tinham atividades de lazer.

Aqui, há, porém, uma mudança no hábito feminino, a leitura passa a fazer parte do lazer das mulheres privilegiadas, mercado que foi rapidamente percebido e suprido por obras. Entretanto, todas as outras mulheres não-burguesas continuam esquecidas, pois não tinham dinheiro nem eram alfabetizadas, permanecendo em seu papel único de serviçal do homem e da casa.

Durante essa época as histórias eram centradas no público-alvo, a mulher média de classe privilegiada. Entretanto, os autores continuavam sendo os homens e por esse motivo, não havia verdadeira representatividade nas personagens femininas, pois todas as construções eram feitas à luz de idealizações masculinas de uma sociedade patriarcal.

O machismo é um modo de ser que privilegia os ‘machos’ enquanto subestima todos os demais. Ele é totalitário e insidioso, está na macroestrutura e na microestrutura cotidiana. Está na objetividade e na subjetividade, isto é, mesmo que seja uma ordem externa ao nosso desejo, foi e é introjetado por muitas pessoas, inclusive mulheres. E, porque o machismo faz parte de um modo orgânico de pensar, de sentir e de agir, é tão difícil modificá-lo. (TIBURI, 2018, p. 62-61)

Como visto na obra de Huxley, que se passa em 1932, antes da Segunda Onda do Movimento Feminista realizada em meados de 1960, há a apresentação da mulher estereotipada, e o gênero construído a partir da visão de um homem.

Nos anos de 1960 surgiu nos Estados Unidos da América um movimento de reivindicações de mulheres que se refletiu não apenas nas artes e na literatura, mas a todas as relações humanas. A voz feminina organizada criticava as relações estruturais sedimentadas sob a égide do poder patriarcal e se posicionava contra por meio de veementes demonstrações pelas ruas, pelos edifícios e pela imprensa escrita, sonora e visual, em prol de profundas transformações.” (DUARTE, 2014, p. 254)

Alguns anos depois com a Segunda Onda do Movimento Feminista e com os avanços nos direitos percebe-se que a escrita de Atwood constrói mulheres que mesmo frente a situações temerosas conseguem encontrar saídas viáveis.

Nessa escrita é possível perceber personagens femininas com características verossímeis, não estando apenas a mercê do homem e à espera de seu salvamento. Como a obra, **O conto de aia**, foi escrita por uma mulher, pode-se observar a representatividade existente na leitura de personagens que tem o comportamento sem certos estereótipos.

A autora utiliza do seu lugar de fala para apresentar questões típicas do universo feminino, pois reconhece os problemas e tem espaço para apontá-los, fatos que não se observa em textos de autores masculinos, em sua maioria, principalmente, aqueles que ainda apresentam discursos conservadores.

É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao fato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2017, p. 66)

Com o desenvolvimento da sociedade, das artes e do direito, há também uma transformação no espaço da mulher. Hoje existe uma maior representatividade literária, com histórias que não estão mais centradas no lugar comum da escola romântica.

Entretanto, deve-se notar que tal desenvolvimento só se deu após as lutas feministas e a possibilidade jurídica das mulheres tomarem espaços públicos e apresentarem suas histórias. É necessário para a sociedade como um todo que se construam obras diferentes, as quais foquem em personagens que muitas vezes estão à margem da sociedade heteronormativa, branca, de classe média e de homens.

Chimamanda – escritora nigeriana que apresenta temas como feminismo, racismo e universalização de discursos – trata da questão de observar apenas uma história, independente da cultura ou do lugar de fala. Quando há apenas um discurso, ele se torna padrão e não se conecta com a realidade, isto pois, quem está falando não traz consigo ideologias que o auxiliariam a relacionar com o tópico.

Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África, uma única história de catástrofe, nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum, nenhuma possibilidade de

sentimentos mais complexos do que piedade, nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais. Eu devo dizer que antes de ir para os Estados Unidos, eu não me identificava, conscientemente, como uma africana, mas nos EUA, sempre que o tema África surgia, as pessoas recorriam a mim, não importava que eu não sabia nada sobre lugares como a Namíbia, mas eu acabei por abraçar essa nova identidade, e de muitas maneiras, agora eu penso em mim mesma como uma africana, entretanto, ainda fico um pouco irritada quando referem-se à África como um país, o exemplo mais recente foi meu maravilhoso voo dos Lagos 2 dias atrás, não fosse um anúncio de um voo da Virgin sobre o trabalho de caridade na 'Índia, África e outros países'. (PORTAL RAÍZES, 2019)

Assim, é necessário que a representativa do gênero feminino na escrita se faça por autoras mulheres e personagens femininas com características verossímeis, para que assim, o espaço público e a representatividade sejam adequadamente supridos.

Considerações Finais

Observou-se a construção de duas sociedades distópicas nos livros analisados, as quais abrangiam de governos totalitários e capitalistas; a obra de Huxley foca apenas no capital, enquanto que de Atwood apresenta a necessidade de procriação – sem retirar a economia de suas necessidades primordiais.

Cada obra com suas características específicas apresenta o espaço da mulher nas sociedades fictícias. No texto de Huxley a mulher tem direitos trabalhistas e economia igual aos dos homens, entretanto suas características individualizantes são estereotipadas. A obra de Atwood, por outro lado, mostra uma sociedade desigual, em que as mulheres têm serviços e direitos inferiores – ou nenhum –, porém, as personagens são construídas com particularidades verossímeis.

É necessário trazer tais pautas para a área acadêmica uma vez que tem-se até hoje um alto número de autores do gênero masculino que constroem personagens femininas – como no caso da obra de Huxley – à luz de construções subjetivas da sociedade capitalista e patriarcal, fazendo com que mulheres reais não se vejam em tais espaços ou se modifiquem para alcançar um modelo artificial de feminino.

De forma contrária, para comparar as obras, tem-se Atwood, uma mulher que demonstra o futuro distópico construído a partir da visão de uma personagem principal feminina e escrito por uma autora. Com isso há instrumentos para se observar as semelhanças e diferenças de ambos os livros.

O trabalho se mostra atual e imprescindível, uma vez que o lugar da mulher na sociedade e em livros ainda é vista a partir do imaginário social masculino, ou seja, é

necessário que as mulheres ocupem os espaços sociais e construam histórias que além de apresentar a realidades particulares, também exponham todos os tipos construções femininas para que assim seja ultrapassado estereótipos como os construídos por Huxley.

A construção de Huxley posiciona as mulheres em papéis imutáveis, como espectadoras de uma sociedade essencialmente patriarcal e capitalista. Enquanto que Atwood tem o objetivo de demonstrar a determinação de mulheres que estão em situações temerosas, com características reais.

Quando se analisa a obra de Atwood esta é mais verossímil no quesito de construção de personagens e aproxima-se das transformações que a sociedade real passou, incorporando os movimentos feministas e questões de sororidade dentro do texto.

A representatividade de textos feministas e escritos por mulheres é necessária para que se apresente personagens do gênero feminino que tenham características reais incorporando discursos que se distanciam de textos patriarcais e capitalistas. No espaço da literatura é possível que se constitua todos os tipos de texto, entretanto, deve-se perceber que obras que representam as mulheres de forma não-estereotipadas ainda são de menor quantidade e são indispensáveis para que se possa construir a devida representatividade.

ABSTRACT: The article analyzes the discourse about/of the female characters in the books: **Brave New World** and **The Tale of Aia**. This approach is justified since it is necessary to observe how the authors conceive characters within certain ideological constructs, which are often stereotyped. The aim of this paper is to understand the space of women in dystopian books written at different times, a fact that will be reached through a bibliographic review of books that deal with Discourse Analysis, having as theoretical reference, in Brazil, the work of Eni Orlandi, and, with regard to ideology Althusser's research. Research has shown that ideological constructs, like the patriarchal ones in Huxley's book, retain stereotypical space for women, even in a futuristic society; while Atwood's book presents women who, despite being within conservative gender constructs, have credible characteristics.

Keywords: Literature. Speech Analysis. Female Condition in the Narrative.

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Portugal: Presença, 1974.

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O Conto de Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. *Margaret Atwood on What 'The Handmaid's Tale' Means in the Age of Trump*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>>. Acesso em 03 out. 2019.

BACHOFEN, J.J. *El Matriarcado: una investigación sobre la ginecocracia en el mundo antiguo según su naturaleza religiosa y jurídica*. Tradução de María del Mar Llinares García. Madrid: Akal, 1861.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTAZZA, João Marcello. *O que é Sororidade e por que Precisamos Falar Sobre?* Disponível em: <<http://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>>. Acesso em 03 out. 2019.

DUARTE, Constância Lima; MAIA, Claudia; ABREU, Laile Ribeiro de; BARROCA, Iara Christina Silva; PERES, Maria de Fátima Moreira. (org.) *Arquivos Femininos: Literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Mulheres, 2014.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Centauro, 2002.

FOUCAULT, Michel. What is an author? In: RICHTER, David H. *The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends*. 3. ed. New York: Bedford/St. Martin's. 2007.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1993.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução de Felisberto Albuquerque. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

MORGAN, Lewis H. *Acient Society*. Chicago: Charles H. Kerr & Company, 1877.

NEWMAN, Stephanie. *What is Margaret Atwood's perspective on feminism?* Disponível em: <<https://www.writingonglass.com/content/margaret-atwood-feminism>>. Acesso em 26 jul. 2019.

OPPENHEIM, Maya. *Margaret Atwood: Feminism is not about believing women are always right*. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/news/margaret-atwood-handmaids-tale-author-feminism-women-not-always-right-a7847316.html>>. Acesso em 26 jul. 2019.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. 3. ed. Campinas: Pontes Editora, 2017.

PIKETTY, Thomas. *O Capital no Século XXI*. Tradução de Monica Baumgarten. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PORTAL RAÍZES. *O perigo de uma única história – por Chimamanda Adiche*. Disponível em: <<https://www.portalraizes.com/chimamanda-adichie/>>. Acesso em 31 jul. 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Justificando, 2017.

STAËL, Germaine. In: RICHTER, David H. *The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends*. 3. ed. New York: BedfordSt. Martin's. 2007.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em Comum: Para Todas, Tods e Todos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.